



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CAMPUS V- MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

ROBSON JORGE LUCENA DE SOUZA

**MEMÓRIA, IMAGEM E ARQUIVÍSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB:
O bairro de Tambaú**

João Pessoa – PB
2014

ROBSON JORGE LUCENA DE SOUZA

**MEMÓRIA, IMAGEM E ARQUIVÍSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB:
O bairro de Tambaú**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC)**, apresentado como
requisito didático-pedagógico ao Centro
de Ciências Biológicas e Sociais
Aplicadas da Universidade Estadual da
Paraíba para obtenção do grau de
Bacharel em Arquivologia.

Orientador: Prof. Dr. Vancarder Brito
Sousa

João Pessoa – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729m Souza, Robson Jorge Lucena de
Memória, imagem e arquivística na cidade de João Pessoa -
PB [manuscrito] : O bairro de Tambaú / Robson Jorge Lucena de
Souza. - 2014.
68 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa, Departamento
de Ciências Biológicas".

1. Bairro de Tambaú. 2. Documentos fotográficos. 3.
Memória. 4. Praia. 5. Arquivística. I. Título.

21. ed. CDD 026.770

ROBSON JORGE LUCENA DE SOUZA

**MEMÓRIA, IMAGEM E ARQUIVÍSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB:
O bairro de Tambaú**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC)**, apresentado como
requisito didático-pedagógico ao Centro
de Ciências Biológicas e Sociais
Aplicadas da Universidade Estadual da
Paraíba para obtenção do grau de
Bacharel em Arquivologia.

Aprovada em: 04/12/2014

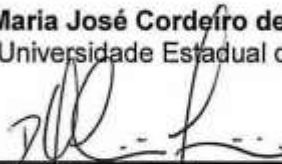
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa - Orientador
Universidade Estadual da Paraíba



Profa. Ma. Maria José Cordeiro de Lima - Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba



Profa. Ma. Daniela Oliveira Silveira - Examinadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

João Pessoa - PB
2014

*Dedico a minha querida mãe,
Rute Ramá Lucena de Souza.*

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai Todo-Poderoso pelo dom da vida e pelas batalhas enfrentadas e solucionadas. Agradeço por me mostrar que sou protegido, guiado e iluminado pela Sua presença divina no mais íntimo do meu ser. Nessa jornada passei muitas dificuldades, mas acreditei sempre que és o Senhor da minha vida e nunca duvidei que todos esses problemas pudessem ser superados.

E é por isso, que posso confiar que a porta que o Senhor vier abrir para mim, ninguém poderá fechar. Tu és o Deus que opera quando o homem diz: “não dá”. E abre um caminho onde solução: “não há”. És o Deus que tem a cura para todo o mal mesmo aquele que a ciência não pode curar. Se algum problema se levantar e tentar me parar declaro Tua Palavra e o mal é lançado ao mar! Eu confio em Ti, não temo e não vou me abalar mesmo que a morte venha me encarar, pois o Teu poder e Tua graça me faz ver que sou muito mais que vencedor. E quando a Lua se esconder é porque o Sol está para nascer... E ao nascer do Sol, vejo que o Senhor não está do meu lado e sim me carregando no seu colo.

Obrigado Meu Deus, Pai com sua imensa grandeza realizou e realiza milagres em minha vida. Meu coração se alegra em saber que olhas para mim e carrega-me em seu colo. Agradeço por mais uma conquista, por mais uma vitória, por mais um milagre que Tu me concedes. De coração contrito e feliz que Te agradeço Meu Senhor e Meu Deus.

A Nossa Senhora minha querida Mãe e intercessora, por sempre confortar meu coração aflito, com seu olhar doce e meigo.

A minha querida e atenciosa mãe Rute Ramá. Desde cedo me incentivava e me educou com muito carinho. Uma amiga, uma guerreira sempre disposta a ajudar. Sou grato a Deus por ter me dado essa super mulher em minha vida. Ao meu pai Rosildo, homem simples e trabalhador, aos meus irmãos Raquel e Renildo sempre disponíveis nas minhas dificuldades.

Ao meu orientador o Prof. Dr. Vancarder, por ter acreditado em mim, desde a Iniciação Científica e com muita paciência e competência me ajudou a concluir este trabalho. As professoras Maria José Cordeiro de Lima (nossa

querida Mara) e Daniela Silveira por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora e das contribuições que deram a meu trabalho.

Ao corpo docente do curso de Arquivologia, destacando Francinete Fernandes, Esmeralda Porfírio, Rodrigo Fortes, Maria José Cordeiro, Eutrópio Bezerra, Krol Jânio, Eliete Correia, Washington Medeiros, Josemar Henrique, Manuela Maia, Roberto Jorge Chaves, Henrique França, Andreza, Acácia, e aos demais que, direta e indiretamente, me fizeram crescer como estudante e como pessoa, seja através dos ensinamentos em sala de aula ou fora dela.

Aos queridos colegas de turma que ao longo dos anos tiveram a bondade de compartilhar conhecimentos comigo, em especial a Suellen Barbosa (pelos conselhos), Ana Isabel Ferreira (por seu jeitinho calado, mas super atenciosa e inteligente), Érica Ferreira (por ter contribuído no PIBIC), Aline Rouse (pela alegria), Carol Madruga (pelos banhos de piscina e churrascões, e também por sua língua alfinetadora), Lidiane Carneiro (pela garra), Ana Maria Martin (a simpatia, nossa eterna oradora), Egberto Lima (um amigão), Alexandre Dutra (jeito todo moleque), Flávia Barros (elegância), Igor (garotão), Dayana Ribeiro (inteligência e beleza), Ketlen Oliveira (nossa professorinha), Anna Karla (desde o cursinho pré-vestibular, uma inspiração).

Aos meus queridos tios e tias, primos e primas, em especial Flaviano, meus avós (Porcina e Teresa) e avôs (Nelson e Eduardo).

Aos meus queridos amigos de fé: Patti (Meu Doce, eu te amo), Jujuba (minha querida psicóloga, amo muito), Cris, Dimas e Natali, Iu, Diogo, Richard, Zezé, Dieline, Fr. Francieudes e Cintiazinha e Karolzinha. Amos vocês todos.

Aos meus amigos e companheiros: Soares, Nildo, Everaldo, Nilton, Bel, Felipe, Alti, Hary, Sandra e Sandro, Denison, Edu, Lulu. Todos esses influenciaram para este sucesso, sou muito grato a todos.

A todos da Família MBA (Mouzas, Borba & Azevedo), pela força e coragem e competência desse corpo jurídico, o melhor da Paraíba e por todos serem exemplos a ser seguido. Destaco minha querida amiga de labuta Cynara Rafaiela, por sua paciência, pelos seus conselhos, pela sua alegria, pela sua personalidade forte e marcante sempre disposta a ajudar, guardarei você para sempre no meu coração.

À Vanessa Porto (Dra. Vanessinha) sua garra e inteligência me encantam. A todas as meninas da equipe Trabalhistas (nossas garotas 'T'),

Isabelli, Gabi, Mayara, Marne e Karol, elas sabem que eu tenho um carinho especial por todas. A minha querida G.O. Tatiana Amaral (sempre compreensiva, elegante e linda), a Dr. Vital (meu querido chefinho) um coração generoso, sempre atento às dificuldades de todos, Dr. Rinaldo, um homem íntegro e de uma sabedoria admirável, Dr. Valberto, nosso gigante, Heliara seu jeito espontâneo me ganhou nos primeiros dias, a Mércia, nossa guerreira, veste a camisa do escritório como ninguém, a Lúgia, seu sorriso e alegria sem palavras, a Érica, pelas dicas e conversas com duplo sentido, rsrrs, a Roberto, nosso amado mestre, a Carlão, homem de Deus, coração íntegro, Babi, sua competência e inteligente tornam uma mulher sem igual.

A todos que compõem essa família: Ricardo, Ellenzita, Thayse, Gustavo, Rosa, Marina, Amandinha, Gitana, Daniel, Ohhh minha querida Myrianzinha, Renata, Dr. Silvano, Giordano e Bella, Ingrid (sempre me aconselhando, muito grato), Isa, Kelly, Caio e nossos queridos Dom e Ariano.

Por último, aos meus queridos amigos que colhi na UEPB e os frutos são os sentimentos sinceros que carrego em meu coração: Adriana Vasconcelos, Faysa Oliveira, Marilya Marsiglia, Lidyane Ferreira e a Petrônio Pereira.

Drica, sempre entendedora dos assuntos políticos, seu jeitinho tímido, porém, uma amigona, tantos conselhos, meu obrigado assessora do governador. Fá, é difícil expressar meu carinho, minha admiração, meu amor por você. Foram tantas dificuldades, mas conseguimos superar todas. Somos um casal na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, nas budweisers e nas bhramas. Você e João Pedro, meu filho de coração estão sempre guardados no meu coração.

Mari, amazona nata, sempre desafiando a vida e enfrentando os obstáculos, suas lições são exemplos, seus conselhos encorajadores e seu jeito amigo de ser são únicos, obrigado minha querida amiga.

Puca, minha namorada 2, minha Buffy predileta, companheira de cinema, seu jeito menina me encantou desde os primeiros contatos, seu sorriso engraçado e dicas de modas que te dava, hum, obrigado minha querida.

Meu caro Pet, um guerreiro. Sempre atencioso, sempre amigo, sempre cuidadoso. Você a cada dia conquista ainda mais meu respeito, seu jeito todo

certinho que eu implicava, mas que no fundo era admiração. Amigo, meu eterno obrigado.

Amo todos vocês e são sinceras todas essas minhas palavras. Deus nos abençoe nas novas lutas que venham surgir, mas tenhamos à certeza que alcançaremos sempre a vitória. Um novo tempo nos espera, sejamos forte e perseverantes. Beijos e abraços aos meus queridos familiares, amigos e colegas.

A fotografia, antes de tudo é um testemunho. Quando se aponta a câmara para algum objeto ou sujeito, constrói-se um significado, faz-se uma escolha, seleciona-se um tema e conta-se uma história cabe a nós, espectadores, o imenso desafio de lê-las.

Juan Lima.

RESUMO

Na contemporaneidade, o universo imagético vem ocupando lugar de evidência na sociedade moderna, justamente por ser, reconhecidamente, um dos cruciais recursos cognitivos. E com o surgimento da Internet e difusão dos meios de comunicação global, vem conquistando ainda mais uma importância significativa. O objeto destacado neste trabalho é a imagem. Os acervos fotográficos em questão são referentes ao bairro de Tambaú, um dos principais bairros de João Pessoa-PB, caracterizado pelo turismo local. A coleta de dados aconteceu em acervos fotográficos: Instituto Brasileiro e Geográfico do Brasil (IBGE), Humberto Nóbrega, Walfredo Rodriguez e o Tropical Hotel Tambaú. Trata-se de uma pesquisa empírica e também de caráter documental, respaldada pela abordagem qualitativa, fundada na pesquisa do tipo exploratória e posteriormente, adentrou-se sobre a pesquisa descritiva. Neste aspecto, o trabalho em tela tem o objetivo de entender a constituição da memória do bairro de Tambaú em João Pessoa, tendo como base a análise arquivística dos acervos iconográficos. Destacou-se a questão de como os acervos imagéticos são vistos pela Arquivística dentro dos ambientes dos arquivos e da sua interpretação. Os arquivos são um recanto de memória, ou seja, eles adquirem um *status* social e cultural. Dessa forma, analisaram-se os acervos dentro do contexto de “lugares de memória”. Constatou-se que as imagens fotográficas são capazes de narrar os acontecimentos do passado e manter viva a memória, isto é, é indispensável resguardar essa memória fotográfica que tem a capacidade de arquitetar identidades culturais. É neste sentido, que se faz importante preservar esses documentos fotográficos, pois as imagens fazem parte da memória social.

Palavras-Chave: Bairro de Tambaú; Documentos Fotográficos; Memória; Praia; Arquivística.

ABSTRACT

For being admittedly one of the crucial cognitive resources, the imagery universe has become evidence in modern society currently. The advent of the Internet and dissemination of Global Media, this universe has been conquering another significant importance. The object focused on this work is the image. The Photographic Archives here are related to the Tambaú district, one of the main zones in Joao Pessoa, which is characterized as a tourist local. The collection of information happened photographic: Archives of the Brazilian and Geographical Institute of Brazil - IBGE, Humberto Nobrega, Walfredo Rodriguez and of the Tambaú Tropical Hotel. This work consists to make an empirical research, focused on documentary aspect as well, and focusing on the qualitative approach, passing by an exploratory research and, then in descriptive study. Therefore, this work aims to understand the constitution of the memory of this district, in João Pessoa, based on archival analysis of the iconographic Archives. It has been focused the question how the imagery Archives are seen by the Arquivistics in this environment, and its comprehension about them. The Archives is a place of the recollection place, in others words, they acquired a social and cultural status. It has noted that the photographic images are able to narrate the events of the past and keeps alive the memory, that is, it is essential to protect the photographic memory that has the capacity to project cultural identities, thus, it is important to preserve these photographic documents because the images are part of the social memory.

Key Word: Bairro de Tambaú; Photographic Documents; Memory; Tambaú Beach; Arquivistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Organização física do acervo do Hotel Tambaú.....	28
Figura 2 - Estação de bondes de tração animal na linha de Tambaú.....	30
Figura 3 - Vista área da Avenida Presidente Epitácio Pessoa.....	31
Figura 4- Descida da Avenida Epitácio Pessoa já pavimentada.....	32
Figura 5 - Colônia de pescadores na Praia de Santo Antônio, na confluência com Av. Epitácio Pessoa.....	35
Figura 6- Moradia de palha na colônia de pescadores.....	35
Figuras 7 e 8 - Casas de veraneio na Praia de Tambaú.....	36
Figura 9 - Governador João Agripino juntamente com diretoria da Varig.....	37
Figura 10 - Vista superior da orla de Tambaú antes da edificação do Hotel Tambaú. Ao lado o Edifício residencial Santo Antônio.....	38
Figura 11- Praia antes da instalação do hotel.....	38
Figura 12- Maquete do Hotel Tambaú.....	39
Figura 13- Apresentação da Maquete para as autoridade da época	40
Figuras: 14 e 15- Detalhes da construção. Operários dão início as obras do Hotel Tambaú.....	41
Figura 16- Vista área do Hotel Tambaú recém-inaugurado.....	42
Figura 17- Vista aérea da orla de Tambaú após a implantação do Hotel Tambaú já por apartamentos (edifícios), casas e pontos comerciais.....	42
Figura 18 - Festa de inauguração do Hotel Tambaú.....	50
Figura 19 - Casas de veraneio na orla de Tambaú.....	56

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Ocupação Urbana de João Pessoa antes (1923) e depois (1933) da abertura da Avenida Epitácio Pessoa.....	33
Mapa 2 - Limite do trabalho.....	34

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Proposta de análise contextual.....	50
--	-----------

LISTA DE ABREVIATÓES

APL - Academia Paraibana de Letras

UNIPÊ- Campus Universitário de João Pessoa

CDDI - Centro de Documentação e Disseminação de Informações

CNPq- Conselho Nacional de Pesquisa

IBE - Instituto Brasileiro de Estatística

IBG - Instituto Brasileiro de Geografia

IBGE - Instituto Brasileiro Geográfico do Brasil

IHGP - Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

NDA- Núcleo de Documentação e Arquivo

PIBIC- Programa Institucional de Bolsas Iniciação Científica

SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 METODOLOGIA	19
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	19
2.2 PROBLEMATIZAÇÃO	21
2.3 OBJETIVOS	23
2.3.1 Objetivo Geral	23
2.3.2 Objetivos Específicos	23
2.4 UNIVERSO E AMOSTRAGEM	23
2.5 CAMPO EMPÍRICO	24
2.5.1 Acervo Fotográfico do Instituto Brasileiro e Geográfico Estatístico (IBGE)	25
2.5.2 Acervo Humberto Nóbrega (NDA)	26
2.5.3 Acervo Museu Walfredo Rodriguez	27
2.5.4 Acervos do Tropical Hotel Tambaú	27
3 PERCURSO HISTÓRICO	29
3.1 A EXPANSÃO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA: Do rio para mar	29
3.2 DE SANTO ANTÔNIO PARA TAMBAÚ: Do simples para o moderno	33
4 ARQUIVO, INFORMAÇÃO E DOCUMENTO	43
4.1 AS FOTOGRAFIAS EM AMBIENTE DE ARQUIVOS	47
5 FOTOGRAFIA: Construindo um lugar memorialístico	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	65
ANEXO A: CARTA DE CESSÃO DE IMAGEM IBGE	66
ANEXO B: CARTA DE CESSÃO DE IMAGEM HOTEL TAMBAÚ	67
ANEXO C: PROPOSTA DE MÉTODO DE DESCRIÇÃO PARA AS FOTOGRAFIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Com o constante e acelerado progresso tecnológico obteve-se a disseminação dos mais variados meios de comunicação. Nesse universo comunicacional destaca-se a importância das imagens e para que esse processo comunicacional aconteça elencamos como objeto deste trabalho a imagem. As imagens adquiriram uma importância sem precedentes na vida cotidiana de praticamente toda humanidade. A gênese da fotografia, no século XIX, foi uma das mais surpreendentes criações humanas, alterando a história da humanidade e disponibilizando ao homem uma ferramenta essencial na procura da própria identidade (RECUERO, 2008). Após seu surgimento, a fotografia difundiu-se paulatinamente, conforme aborda Rodrigues (2007, p.67),

[...] uma expansão gradativa na produção e no uso de imagens, primeiramente de forma mais seletiva e quase individual e, posteriormente, de maneira massificada, com as ilustrações fotográficas em jornais e revistas e o uso de imagens em mídias publicitárias.

Conquanto o universo da imagem¹ seja muito amplo, esta traduz para cada indivíduo um significado em particular, ou seja, o significado da imagem pode diferenciar de pessoa para pessoa, dependendo da proeminência que as imagens constituem em suas vidas. Desse modo, entender acontecimentos e relembrar situações através das imagens permite-nos reforçar a sua importância memorialística², além da relevância que as imagens representam para uma sociedade ou simplesmente para um indivíduo.

As fotografias contam histórias, revelam o ambiente, falam sobre as pessoas. Funcionam como artifícios para fixar a memória, evitar o esquecimento, garantir um lugar na posteridade. Emolduram o tempo. Organizam experiências. Acusam a passagem vertiginosa da vida. (MIGNOT, 2001 p.73).

¹ Representações enviadas pelas coisas aos nossos sentidos. Representação bidimensional de um ou de vários objetos ou formas. Documento icônico. (Cunha 2008, p.190)

² Pode ser entendida como processos sociais e históricos, de expressões, de narrativas de acontecimentos marcantes, de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo. (Rodrigues 2013, p.5)

Esse trabalho surgiu a partir da curiosidade de compreender a constituição de um lugar, no nosso caso, o do bairro de Tambaú, localizado na cidade de João Pessoa-PB, tendo como foco principal dessa preocupação as casas remanescentes na orla, oriundas do momento de ocupação da praia pelas classes mais ricas até as moradias mais simples dos pescadores residentes na praia removidas ao longo do tempo para acomodar os edifícios residenciais, hotéis e pontos comerciais. O foco de análise recairá sobre a série de registros fotográficos delimitados entre os anos de 1946 a 2002, as que dão conta deste processo de transformação urbanística, disponíveis nos acervos: Instituto Brasileiro Geográfico do Brasil (IBGE), Humberto Nóbrega no Campus Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), Walfredo Rodriguez e no Topical Hotel Tambaú.

As imagens revelam um imaginário muitas vezes inopinado, que através das palavras não seriam tão bem descritas e interpretadas. A imagem nos transporta e nos permite refletir sobre acontecimentos, situações do nosso passado, fazendo-nos criar uma teia de transições entre passado e presente. Quando falamos em imagem direcionamos involuntariamente as fotografias³. É a partir delas que podemos montar um quebra-cabeça de sentidos e signos, ou seja, as imagens antigas referentes ao bairro de Tambaú frente às imagens mais recentes do mesmo organizadas cronologicamente, integram-se à composição narrativa da memória do lugar e mais a memória na coletividade.

Para Pierre Nora, os *lugares de memória* são em primeiro lugar **lugares** em uma tríplice acepção: são **lugares materiais** onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são **lugares funcionais** porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são **lugares simbólicos** onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. (NORA *apud* NEVES, 2008 p.1-2). (grifos do autor)

A perspectiva interdisciplinar que abrange outros campos do conhecimento (Arquitetura, Sociologia, História, Geografia) é uma ferramenta indispensável e fonte que possibilitarão o trabalho com a memória coletiva,

³ Técnica ou arte de produzir imagens visíveis pela ação da luz, que fixa essas imagens de modo direto e durável sobre superfície sensibilizada; foto. A fotografia é um tipo de documento icônico não-projetado. Cunha (2008, p.175)

pois, por esse caminho, dá-se a aproximação de elementos relevantes que caracterizam a complexidade das referências históricas, de memória e afetivas presentes nas imagens fotográficas e reconstruir diversas demonstrações e métodos sociais englobado no registro fotográfico e na oralidade, categorizado como 'lugares da memória'.

Dessa forma, encontrar, analisar e classificar acervos imagéticos que narrassem essa evolução urbanística e dos seus sentidos materializados nos arquivos. Com base nessas séries, foi elaborada uma discussão sobre as identidades e simbolismos acerca dos ocorridos nos espaços relacionando-os à forma como os arquivos são selecionados e organizados como reflexo memorialístico desses eventos. Pois assim, podemos estabelecer sua relação com o desenvolvimento da cidade de João Pessoa e também como se deu sua materialização nos acervos mapeados.

Quanto à forma de organização da monografia: o primeiro capítulo intitulado "Percurso Histórico", traz relatos da formação da cidade de João Pessoa e seu desenvolvimento para entendermos o surgimento do bairro de Tambaú. No segundo capítulo "Arquivo, Informação e Documento", discorreu-se sobre os conceitos de arquivo, informação e documento de arquivo para adentrarmos na temática das fotografias em ambiente de arquivo e foi propomos uma análise contextual para as fotografias. E por último foi trabalhado as questões de memória do lugar e a importância das fotografias nesse processo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é fruto do Projeto de Pesquisa cognominado "MEIO AMBIENTE, IMAGEM E MEMÓRIA NO LITORAL SUL DO ESTADO DA PARAÍBA: um trajeto compreensivo da ideia de desenvolvimento sustentável", aprovado e financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UEPB), sob a orientação do Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa, do qual participei como bolsista por um ano. O projeto também protagonizou alguns eventos acadêmicos, como o III Congresso de Pós-graduação e Pesquisa, o XVIII Encontro de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), II Encontro de Pesquisa em Comunicação da UEPB, o X Congresso de Ecologia do Brasil: "Ecologia e Gestão Ambiental" São Lourenço-MG, e o 63ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) Goiânia-GO.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

No ambiente das ciências faz-se necessário a busca por novas descobertas com a finalidade de responder, entender e/ou apreender a realidade. Desse modo, a investigação científica tem a finalidade de tentar responder, explicar, desvendar ou solucionar algo que ainda que se encontre hermético.

Diante dos recursos metodológicos disponíveis optamos para trabalhar nesse estudo sobre a perspectiva empírica ou de campo, que tem como enfoque a análise das relações entre as imagens do bairro de Tambaú, observando as características espaciais, de memória, de uso que as envolvem como forma de leitura, visto que as imagens têm um poder de transmitir muitas informações. Assim, de acordo com Bonat (2009, p.13),

A pesquisa empírica ou prática busca informações verificadas na realidade, por meio de uma amostragem determinada. Embora seja fundamentada em atividades práticas, requer uma fundamentação teórica que servirá de suporte para a análise dos dados obtidos.

A partir dessa justificativa, o empirismo nos ajudou a analisar o objeto de estudo, possibilitando compreender como essas imagens estruturadas cronologicamente, compõem uma teia de significados em diferentes espaços. Assim de acordo com Michel (2009, p.37):

O empirismo se caracteriza pela observação e experimentação dos fenômenos. É a pesquisa que busca respostas e soluções através da observação e prática dos fenômenos, que embasam suas conclusões. O seu grande valor é trazer a teoria para realidade concreta.

Além da pesquisa de campo, utilizamos também como técnica metodológica a pesquisa documental. A pesquisa documental emprega documentos dos mais diversos como as fotografias, documentos arquivados em entidades públicas e privadas, correspondências pessoais e formais, filmes, etc. que servem como fonte de dados, informações e evidências (MARTINS, 2009). Uma vez que, essa técnica se utiliza das fontes de “primeira mão”, ou

seja, que ainda não foram analisadas ou que podem ser reinterpretadas, tendo em vista, os objetivos da investigação (MARTINS, 2009).

A pesquisa de campo designou-se pela coleta de dados e sua ulterior análise e interpretação. Esta alicerçou-se em um respaldo teórico compatibilizado com os objetivos sugeridos, propondo-se compreender e esclarecer a questão básica da pesquisa. Destarte, por sua configuração, a pesquisa de campo dar-se-á partir da “coleta de dados primários, ou seja, aqueles obtidos diretamente na fonte, independente se a abordagem é qualitativa ou quantitativa” (MARQUES *et.al*, 2006, p.56).

Com base nos dados obtidos no intuito de verificar os aspectos referentes ao fenômeno pesquisado, qual seja ele o aspecto cultural, informacional ou memorístico das imagens elegeu-se por uma pesquisa de abordagem do tipo qualitativa. Como assevera Maanen (*apud* NEVES, 1996, p.1):

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir distância entre contexto e ação.

Essa investigação estabeleceu-se a partir de uma amplitude “exploratória” que segundo Rodrigues (2007, p.28),

É a pesquisa cuja finalidade é descortinar o tema, reunir informações gerais a respeito do objeto. Não pretende resolver problemas. Não se propõe resolver problemas. Não se destina a compreender a intimidade das subjetividades. Nem mesmo pretende descrever detalhes intrincados de fenômenos complexos. Destina-se a esclarecer do que se trata a reconhecer a natureza do fenômeno, a situá-lo no tempo e no espaço, a inventariar suas manifestações variadas, seus elementos constituídos ou as contiguidades presentes à sua manifestação.

Andrade (2007, p.114), por sua vez, conceituou a pesquisa exploratória que tem por “finalidade proporcionar maiores informações sobre determinado assunto: facilitar a delimitação de um tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente”. A análise das imagens deu-se sob a

perspectiva de aprofundar as fronteiras de um entendimento através do tempo, ou seja, a memória existente nas imagens, buscando seus antecedentes para posteriormente planejar uma pesquisa descritiva. Assim, de acordo com Andrade (2007, p.124) a finalidade da pesquisa descrita consiste em “uma pesquisa em que os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem a interferência ou manipulação do pesquisador”. Neste momento, de acordo com Danton (2002), procedeu-se a identificação e qualificação dos conteúdos centrais encontrados nas imagens.

2.2 PROBLEMATIZAÇÃO

As imagens por natureza são polissêmicas, ou seja, podem ser passíveis de inúmeros sentidos para serem interpretadas, e carecem ser organizadas, remetendo a uma análise contextual do seu conteúdo e tematização. Rodrigues (2007, p.69), afirma que “elas estão inseridas em dois grupos: denotativas (seu valor real) e conotativas (sentido figurado e simbólico)”. Em outras palavras, o autor refere que as fotografias no sentido denotativo aludem ao que elas representam com certa precisão, no sentido real e no conotativo aquilo que elas representam passível de interpretações.

Outro ponto a destacar é da sua importância ao construir um “lugar de memória”. Como Nora (1993) afirma, é a possibilidade de podermos sentir como esse lugar traz-nos lembranças, como essas mudanças podem influenciar na vida social e, a partir disso, observamos as transformações físicas que aconteceram no espaço. Nesse contexto, “instituições de memória” (os arquivos, as bibliotecas, os museus e os centros de documentação) são otimizadas como sendo “lugares de memória” institucionais e autenticados para a sua salvaguarda (FORMIGA, 2011).

Quando trabalhamos com imagem fotográfica podemos perceber as transformações ocorridas em um lugar através do tempo. As imagens mais antigas exprimem um passado de recordações e as imagens atuais representam as transformações causadas pela modernidade (os novos prédios construídos, empreendimentos sofisticados), muito embora alguns indivíduos acreditem que as alterações acontecidas no ambiente o descaracterizem.

A fotografia é considerada um registro realista do mundo visível porque desde seu início os usos sociais atribuíram-lhe esta função. Para compreender adequadamente uma fotografia, não basta recuperar suas significações mais evidentes; é preciso decifrar o excedente de significação que revela traços do simbólico de uma época, de uma classe, de um grupo artístico. (BUITONI, 2010, p.4)

As fotografias de um lugar tornam-se um conjunto de significados que representam uma história de um povo e contam fatos valiosos da trajetória social, lembradas através das imagens cristalizadas em “flashbacks”, despertando reminiscências de momentos bons e maus, importantes na vida do homem, às vezes esquecidas pelo tempo, mas registrada no papel ou, atualmente, no meio eletrônico.

De acordo com Buitoni (2010, p.3), há autores que consideram a fotografia “como um autêntico ‘espelho do real’ outros como ‘transformação do real’; e outros ainda como ‘traço de um real’. Desde seu surgimento, muitos consideravam a fotografia como a imitação perfeita da realidade”.

Desenvolver temas relacionando à compreensão de imagens ajuda-nos a criarmos um imaginário e a assimilarmos conhecimentos que em uma simples leitura não poderia captar tantas possibilidades de significação da realidade. Analisar acervos que retratem a história de um lugar faz com tenhamos uma ideia de seu valor, e mais, as imagens fazem com que aprofundemos as fronteiras de um entendimento através do tempo e do espaço da memória.

Nesse sentido, este trabalho parte da seguinte questão de pesquisa: Como se constituiu a memória urbana do Bairro de Tambaú, a partir de acervos iconográficos na cidade de João Pessoa?

2.3 OBJETIVOS

2.3.1 Objetivo Geral

Entender a constituição da memória do bairro de Tambaú em João Pessoa, tendo como base a análise arquivística dos acervos iconográficos.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Levantar acervos iconográficos relativos ao bairro de Tambaú;
- Propor um método de descrição para as fotografias sobre os aspectos da Arquivística;
- Associar as fotografias dentro do contexto da memória do lugar.

2.4 UNIVERSO E AMOSTRAGEM

De acordo com Silva e Menezes (2001, p. 32), “população (ou universo da pesquisa) é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”. O universo desse trabalho será os acervos fotográficos da cidade de João Pessoa-PB.

A partir do universo o pesquisador restringe esse grupo. Conforme, Silva e Menezes (2001, p.32), “amostra é parte da população ou universo, selecionada de acordo com uma regra ou plano”. No nosso caso, a amostra é um conjunto de fotos representativas. A amostra pode ser probabilística e não probabilística. Nesta perspectiva, utilizamos a amostra não probabilística, onde foram selecionadas 70 (setenta) fotografias que constitui como amostra da pesquisa. A primeira fase foi a de pré-análise, sendo composta pela triagem das imagens que foram contempladas durante o estudo, mantendo uma correlação com as ideias que nortearam este trabalho. Tal seleção deu-se a partir do período compreendido entre 1946 a 2002 para constatarmos as principais mudanças físicas ocorridas no bairro entre esse período.

De início utilizamos as fotografias de dois núcleos informacionais de Humberto Nóbrega e do Walfredo Rodriguez com intuito de apontarmos as principais mudanças físicas ocorridas na cidade de João Pessoa. Em seguida foram introduzidas as fotografias do acervo digital do IBGE (mais de cinquenta fotografias), que delimitamos em doze fotografias sobre as transformações

inerentes ao bairro de Tambaú. Por último, usamos as fotografias referentes ao acervo do Hotel Tambaú, focando nas modificações sucedidas da instalação do mesmo, nas áreas circunvizinhas e o surgimento de novos equipamentos. Seguimos sempre uma ordem cronológica, das fotografias mais antigas até as mais recentes, para acompanharmos passo a passo o avanço urbanístico na cidade de João Pessoa.

Sendo assim, as fotografias referentes ao do bairro de Tambaú podem ser incluídas na amostra, pois, cada uma das imagens fotográficas possuem características semelhantes que podem representar o universo a ser estudado. Dessa forma, a amostragem para essa pesquisa realizou-se, a partir dos acervos fotográficos do IBGE, Humberto Nóbrega, Walfredo Rodriguez e Hotel Tambaú.

Portanto, como já foi mencionado o material foi disposto cronologicamente e de acordo com os assuntos que as imagens abordavam. O outro passo referiu-se ao tratamento documental no ambiente dos arquivos, bem como sua explicação, atrelado aos pressupostos teóricos com relação à arquivística e propondo uma análise das mesmas. Por último, associamos ao princípio da reciprocidade, suas conexões com a memória, bem como a análise contextual dos acervos.

2.5 CAMPO EMPÍRICO

O estudo deu-se em acervos fotográficos referentes ao bairro de Tambaú. A dificuldade de se encontrar acervos relacionados a essa temática foi um dos principais desafios dessa pesquisa. Muitos dos acervos não se encontram na forma física (suporte papel) ou, as poucas que existem, estão em posse de alguns colecionadores, em acervos pessoais. Foram consultados três jornais dos mais antigos da capital (Correio da Paraíba, União e do Norte, atual TV Clube) que pudessem compor a análise desse estudo, porém, sem sucesso. Em pesquisa de campo a essas instituições, no Correio da Paraíba boa parte do acervo encontravam-se em meio eletrônico, mas detinham fotos recentes, porém, pouquíssimas. Fui encaminhado ao anexo da instituição, onde se encontravam, juntamente com outros documentos administrativos,

algumas poucas fotografias soltas sem nenhum tipo de organização em caixas arquivos e sem nenhuma espécie de climatização.

Nas outras instituições, os acervos não se encontravam no arquivo ou tinham sido perdidos em mudanças de gestão, a outra que era difícil encontrar esses tipos de documentos pelo fato de serem antigas e com o tempo foram se deteriorando. A partir dessas realidades, mostra-se o descaso dado a esses registros que constituem parte da memória de João Pessoa.

Assim, para compor esse estudo foram utilizadas as fotografias digitais do Acervo Fotográfico do Instituto Brasileiro e Geográfico Estatístico (IBGE), Acervo Humberto Nóbrega do Núcleo de Documentação e Arquivo (NDA), Acervo Fotográfico Walfredo Rodriguez e do Acervo Fotográfico do Tropical Hotel Tambaú, este último utilizamos algumas fotografias físicas embora boa parte encontram-se em meio eletrônico.

2.5.1 Acervo Fotográfico do Instituto Brasileiro e Geográfico Estatístico (IBGE)

Apesar de existir uma sede do IBGE em João Pessoa-PB, na Rua Irineu Pinto, 94, Centro de João Pessoa, o acervo utilizado para pesquisa foi o digital, disponibilizado no *site* do mesmo, uma vez que, as imagens não se encontram de forma física, conforme foi nos informado em visita técnica ao instituto.

Assim, para compor as fontes de pesquisa utilizaremos o acervo das imagens disponibilizadas no *site* do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), uma fundação pública da administração federal brasileira. O IBGE é o responsável pelos levantamentos demográficos, pesquisas estatísticas sobre os mais variados temas (de meio ambiente à economia), manutenção de indicadores sobre o Brasil e informações geográficas, além de ser também a fundação responsável pelo SIG (Sistema Geodésico) Brasileiro.

O Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI) foi criado em 1975, anexando também o Instituto Brasileiro de Estatística (IBE) e o Instituto Brasileiro de Geografia (IBG). O acervo é composto por livros, teses, periódicos, fotografias, mapas e instrumentos de coletas. Além desses documentos o IBGE detém um acervo fotográfico imenso que vão desde sua criação até hoje, no *site* (<http://www.ibge.gov.br>) da instituição é possível ter

acesso a essas informações e que podem ser utilizadas livremente, mas devem ser referenciadas para sua utilização.

O acervo do IBGE é composto por quatro coleções, são elas: **Trabalhos Geográficos de Campo e Tipos e Aspectos do Brasil** (série de fotografias das décadas de 50 e 60, produzidas em expedições realizadas pelo IBGE), **Municípios Brasileiros** (série de fotografias de várias origens), **Eventos Institucionais** (fotografias de eventos promovidos pelo IBGE, dos eventos que participou e de servidores que contribuem com doações para a instituição).

2.5.2 Acervo Humberto Nóbrega (NDA)

As fotografias utilizadas do acervo Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega foram as digitais, disponibilizadas na internet. Humberto Nóbrega nasceu em João Pessoa foi médico e historiador. Ao longo da sua vida acumulou os mais variados registros documentais. Foi presidente de honra perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), vice-presidente da Academia Paraibana de Medicina, sócio honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina, dirigente do Museu da Imagem e do Som da UFPB e reitor da Universidade Federal da Paraíba.

A história de Humberto Nóbrega integra o Núcleo de Documentação e Arquivo (NDA) do campus Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). O acervo de Humberto Nóbrega é constituído por livros (alguns raros), miscelâneas, hemeroteca, documentos, periódicos, fotografias, álbuns, coleções de selos, cartões postais, áudio, vídeo, cédulas, discos, quadros, além de objetos pessoais do próprio colecionador e do poeta Augusto dos Anjos.

O acervo Humberto Nóbrega, conforme encontrado no *site* (<http://www.unipe.br>) da instituição responsável, foi e ainda vem sendo revitalizado com a utilização de técnicas modernas de conservação e restauração de documentos. Além de procedimentos de classificação permitindo, desse modo, que toda essa memória histórica produzida e acumulada por Humberto Nóbrega seja preservada e disseminada para a sociedade.

2.5.3 Acervo Museu Walfredo Rodriguez

O cineasta e fotógrafo Walfredo Rodriguez capturou por meio de suas lentes, a história de João Pessoa. Seu acervo pessoal é composto por várias fotografias que contam a história dessa temática e de outras. Ele produziu o primeiro longa-metragem da Paraíba, 'Sob o Céu Nordestino' (1928), que se encontra na Cinemateca Brasileira em São Paulo (Jornal da Paraíba, 2009).

O vice-governador Dorgival Terceiro Rodrigues, em seu mandato (1978 a 1979), autorizou a Ramalho Leite (político, jornalista, escritor e historiador), atualmente ocupando a cadeira 45 como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), a aquisição e instalação do Museu Fotográfico Walfredo Rodriguez em dos casarões da Rua Duque de Caxias, centro da capital e depois restaurado por Balduino Lélis (artista plástico).

Depois, o acervo foi transferido pelo prefeito Hermano Almeida para o museu Casa da Pólvora (situado na Ladeira de São Francisco). Atualmente, não se sabe ao certo onde se encontra o acervo, dessa forma, percebemos mais um descaso das autoridades responsável com relação a patrimônio cultural de João Pessoa. As fotografias que foram usadas nesse trabalho encontram-se em repositório *online* (*blogs*).

2.5.4 Acervos do Tropical Hotel Tambaú

Localizado na Avenida Almirante Tamandaré, no Bairro de Tambaú, João Pessoa-PB, o acervo é composto por mais 150 fotografias físicas e digitais, além de revistas, jornais, negativos, cartões postais, dentre outros. São organizados em caixas-arquivo, juntamente com a documentação administrativa do hotel (ver figura 1). A responsável pela manutenção e guarda do acervo é uma assistente administrativa, juntamente com o supervisor contábil.

Diante dessa situação, faz-se necessário, urgente, as práticas de preservação e conservação de documentos, em razão de tratar-se de documentação valiosa para a história da cidade e da instituição. A documentação encontra-se em bom estado de conservação, porém, é necessário repensar as formas de acondicionamento e de guarda, pois os agentes físicos e biológicos podem deteriorar, com o passar dos anos, esses

registros. Além disso, não existe nenhum tipo de organização (separação tipológica), tratamento arquivístico e nem uma preocupação em descrever esse acervo visual, visto que, as informações são repassadas por relatos orais, impossibilitando o acesso às informações mais precisas com relação à documentação consultada.

Desse modo, as instituições de guarda de memórias, os arquivos, museus, bibliotecas e centro de documentação devem preservar, conservar, restaurar e guardar de maneira adequada, com a finalidade de disponibilizá-las para a sociedade, pois constituem registros significativos da sociedade paraibana.

Figura 1: Organização física do acervo realizado pelo Hotel.



Fonte: Robson Lucena (2014).

3. PERCURSO HISTÓRICO

3.1 A EXPANSÃO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA: Do rio para mar

A cidade de João Pessoa-PB nasceu às margens do Rio Sanhauá há 429 anos. A terceira capital mais antiga do Brasil teve seu espaço escolhido para sua colonização de forma estratégica, por causa de possíveis invasões francesas, espanholas e holandesas, visando interesses da coroa portuguesa e suas necessidades. A cidade de João Pessoa, na sua formação geográfica, dividiu-se em Cidade Alta que correspondia ao tabuleiro, e Cidade Baixa, que correspondia às margens do rio, porém, essa separação não era somente física, mas também uma questão socioeconômica.

No final do século XVI (instauração da cidade) até o século XX, a cidade estava cercada por povoados e fazendolas. O seu centro urbano se reduzia a uma área que ia do Varadouro até o parque Sólon de Lucena (VASCONCELOS FILHO, 2003). Um dos impulsionadores foi o transporte público, pois possibilitou o trajeto das áreas mais distante até a praia. Assim, segundo Vasconcelos Filho (2003), em 1906 é introduzido o primeiro trecho da ferrovia Tambaú conectando Cruz do Peixe (ver foto 2) ao bairro de Imbiribeira, atual Tambauzinho. Um ano após, os bondes chegam ao distrito de Tambaú, que só foi agrupado como bairro de João Pessoa em 1970.

Foto 2- Estação de bondes de tração animal na linha de Tambaú



Fonte: Acervo Walfredo Rodriguez (1910).

Por volta de 1933, aconteceu a abertura da Avenida Eptácio Pessoa (ver foto 3).

A expansão em direção à orla marítima e sua ocupação para fins definitivamente residenciais é fenômeno recente, que ocorreu gradativamente a partir da segunda metade do século XX, com ênfase significativa nas suas duas últimas décadas. Antes, a enseada de Tambaú, ainda era colônia de pescadores para onde as famílias mais favorecidas se deslocavam no período de veraneio. (COUTINHO E VIDAL, 2012, p.3)

Figura 3 - Vista área da Avenida Presidente Epitácio Pessoa.



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega (década de 40).

O processo de modernização aconteceu lentamente, só a partir do século XX, com o descerramento da Avenida Epitácio Pessoa já pavimentada (ver figura 4), esse processo começou a ampliar-se do rio para o mar, desse modo, facilitaria o percurso da população até a orla. A abertura da avenida possibilitou desde início do século XX, a construção da ferrovia Tambaú, a paisagem costeira de João Pessoa foi alterada, com maior ênfase, nas praias de Tambaú e Cabo Branco e, conseqüentemente, nas praias ao norte como Manaíra e Bessa.

Com o passar dos anos, a disparidade da Cidade Baixa e da Cidade Alta vão ficando evidentes, o comércio expande-se e as residências de classes altas são sucumbidas, privilegiando o comércio. As questões socioeconômicas também entusiasmam essa competição em destino a área litorânea, pois esse acontecimento faz com que a elite encaminhe-se próximo ao mar (SALES, 2014). Nóbrega (2011, p.68), afirma que:

A elite local, que morava na década de 1920, no Centro tradicional, que se transferiu para a Av. João Machado e Trincheiras na década de 1930 e para Av. Eptácio Pessoa nas décadas de 1950 e 1960 (Maia, 2000), descobre a direção Leste e nela acredita que pode ter uma melhor qualidade de vida. Os passeios e as caminhadas à beira-mar, a contemplação, trazem uma nova perspectiva de morar.

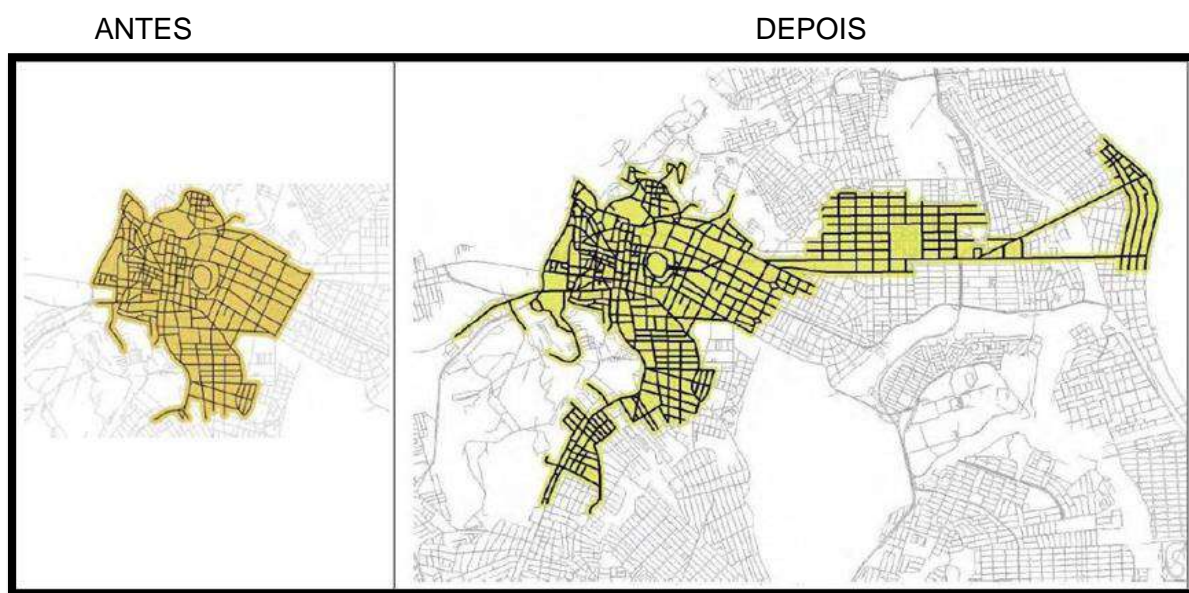
Figura 4 - Descida da Avenida Eptácio Pessoa já pavimentada.



Fonte: IBGE (1952).

Logo sucedeu a vinculação da faixa litorânea à malha urbana. Em 1950 surgiram os bairros que atualmente limitam a avenida, estes passaram a ser ocupados pela população mais nobre. O desenvolvimento de ampliação urbano (mapa 1) foi otimizado com a instituição de políticas públicas na cidade de João Pessoa, estas decorrentes de programas nacionais de desenvolvimento urbano aferidas pelo governo federal em todo os estados brasileiros (LAVIERI & LAVIERI, 1999). O que antes se limitava às redondezas do rio Sanhauá, após a pavimentação da Avenida Eptácio Pessoa, impulsionou circulação do transporte e direcionou às praias da capital.

Mapa 1: Ocupação Urbana de João Pessoa antes (1923) e depois (1933) da abertura da Avenida Epitácio Pessoa.

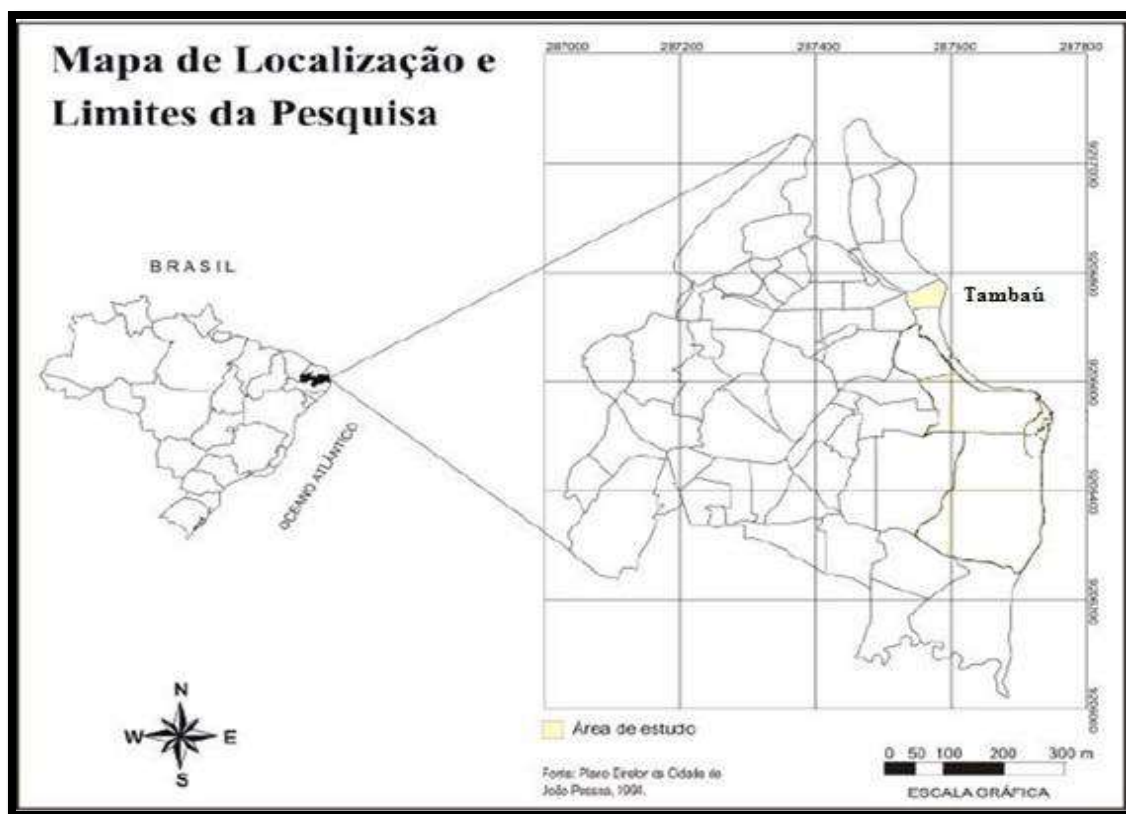


Fonte: IBGE.

A elite local, antes próximo ao rio, encaminhou-se para o mar, em consequência do processo de concorrência individual, ocasionando predominância de várias classes sociais. Desse modo, as classes sociais similares compartilham um mesmo ambiente, expelindo outros grupos sociais (SALES, 2014). Por fim, entendeu-se que a predominância na área da orla se caracterizara por uma classe com maior poder aquisitivo, ou seja, as casas bem simples deram lugar para residências modernas e, futuramente, para um comércio voltado para o turismo local.

3.2. DE SANTO ANTÔNIO PARA TAMBAÚ: Do simples para o moderno

O bairro de Tambaú, na parte leste (ver mapa 2), é um dos mais importantes bairros da capital pessoense, em virtude de sua localização geográfica na orla apresentar, atualmente, os principais hotéis, bares, restaurantes, além de mercados de artesanato caracterizado como comércio típico regional (conhecido popularmente como a Feirinha de Tambaú). Devido à concentração desses equipamentos, o bairro tornou-se um dos principais pontos turísticos da capital.

Mapa 2: Limite do trabalho.

Fonte: Rafael Toscano de Sousa / Araci Farias da Silva (2014)

No entanto, antes de se tornar Tambaú como temos hoje, o atual bairro era colônia de pescadores com moradias simples ou palhoças próximas à beira-mar e com bastantes coqueirais (ver figura 5 e 6) integrando o cenário da época que tinha como nome Praia de Santo Antônio.

Conforme, Coutinho e Vidal (2012, p.4),

A forte presença dos pescadores fazia do bairro um reduto de muitas manifestações da cultura popular. No largo defronte à Igreja de Santo Antonio se apresentavam as Lapinhas, as danças de Côco-de-Roda e a Nau Catarineta. O extenso coqueiral, durante décadas, marcou a paisagem da praia.

De acordo com Nóbrega (2011, p. 62), era Tambaú, que “estava dividido em dois bairros: Santo Antônio, à esquerda, e Cabo Branco, à direita, sendo o primeiro mais frequentado, tendo sido modernizado com o Conjunto Jardim Manaíra.” De poucos mais de 42 metros, a área iria sofrer as transformações advindas da modernidade da cidade, dando lugar a um vasto potencial imobiliário. Assim, de acordo com Gambarra e Tinem (2008, p.2), “Tambaú gradativamente se torna palco de ações no sentido de promover sua melhoria urbana e turística.”

Figura 5: Colônia de pescadores na Praia de Santo Antônio, na confluência com Av. Epitácio Pessoa.



Fonte: Acervo Walfredo Rodriguez (1935).

Figura 6 - Galpão de pesca na colônia de pescadores.



Fonte: IBGE (1957).

O progresso urbano em Tambaú avançava, a intenção era realmente modernizar toda região. Corroboram Gambarra e Tinem (2008, p.3), “é visível a preocupação do governo do Estado em proporcionar àquela praia uma nova imagem progressista e moderna.” Para CÔRREA (1999), assume um caráter

de sociedade desmembrada em categorias, este é um acontecimento genérico que configura as cidades de modo geral. Algumas pessoas que tinham uma segunda casa (as de veraneio) que serviam de lazer (ver figuras 7 e 8), passaram a transformar estas casas de praia em residências fixas e mais modernas.

Figuras 7 e 8 - Casas de veraneio na Praia de Tambaú.



Fonte: IBGE (1957).

Este movimento transformou-a numa bela praia, antes nativa, de construção de casas de alvenaria em construções mais sólidas: apartamentos, residências, hotéis e postos comerciais. Ainda nesse contexto, Gambarra e Tinem (2008, p.4) afirmam: “assim o desejo de modernidade da população vai sendo concretizado e os interesses políticos e econômicos satisfeitos com a expansão da cidade para o mar”. Com todo esse progresso, ainda falta uma lacuna para concretizar esse avanço. Alguns setores defendiam que João Pessoa carecia de um hotel a altura desse desenvolvimento para sediar eventos, congressos com nível científico, comercial ou cultural e que pudesse acomodar com conforto pessoas com poder aquisitivo.

Então o governador João Agripino (ver figura 9) assume o compromisso e incumbe-se da construção do Hotel na capital, cuja localização na orla marítima é explicada como típico dos centros urbanos, que se localizavam a 30 minutos do centro da cidade (TEIXEIRA, 2006).

Figura 9 - Governador João Agripino juntamente com diretoria da Varig.



Fonte: Acervo do Hotel Tambaú (1968).

O escolhido para projetar o hotel foi o arquiteto Sérgio Bernardes, por uma visão “futurística ou profética”, conforme reconhecido por Bruan (1980, p.291). Para escolha do local, o arquiteto percorreu um trajeto entre as Praias do Seixas e de Tambaú e escolheu nesta última, a intenção era que o hotel ficasse próximo ao centro da capital. O espaço selecionado foi na própria areia da praia de Tambaú (ver figura 10) próximo ao mar e também do Edifício residencial Santo Antônio construído em 1959. O lugar destinado à instalação do hotel era reduto dos pescadores e área de proteção da Marinha do Brasil, área de vegetação local (ver figura 11). Dessa forma, em relação às questões ambientais pouco era se pensado, dos impactos desta área e dos futuros problemas que poderiam causar.

Figura 10 - Vista superior da orla de Tambaú antes da edificação do Hotel Tambaú. Ao lado, o Edifício residencial Santo Antônio.



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega (1959)

Figura 11 - Praia antes da instalação do hotel.



Fonte: Acervo Hotel Tambaú (1960).

A ideia era que o hotel se camuflasse entre a vegetação local e não nos parecesse uma estrutura arquitetônica, uma imagem original da maquete do hotel (ver figura 12) mostra sua horizontalidade dando essa ideia. Em 1968 houve apresentação da maquete para autoridades da época juntamente com a diretoria executiva da Varig (ver figura 13). A sua construção possibilitou o surgimento de novas ruas, pontos comerciais, restaurantes e bares, ocasionando a valorização da área. Assim onde antes existia simples moradias de palhoça passou a dar lugar para casas bem arquitetadas.

Figura 12 - Maquete do Hotel Tambaú.



Fonte: Acervo do Hotel Tambaú (1967).

Figura 13 - Apresentação da Maquete para as autoridades da época.



Fonte: Acervo do Hotel Tambaú.

As obras foram iniciadas em 1968 (ver figura 14 e 15). A ideia do arquiteto era audaciosa, a obra foi construída em “área de proteção da Marinha do Brasil, sem respeitar as normas legais” conforme afirma Gambarra e Tinem (2008, p.8). Em conformidade a essa afirmação, fica evidente que existiam muitos interesses econômicos e políticos e quase nenhuma preocupação ambiental. Um jornal de circulação da época faz uma crítica na seguinte reportagem em 1969: “Contra todas as suposições, opiniões em contrário, argumentos a favor ou não, o Hotel Tambaú vai sendo construído” (HOTEL TAMBAÚ 1969, p. 3 *apud* GAMBARRA E TINDEM 2008, p.8).

Para Coutinho e Vidal (2012, 4) a construção significou:

A ponta de Tambaú, imenso areal de onde costumavam partir os barcos de pesca foi o local escolhido para implantação do equipamento. A construção do Hotel Tambaú alterou definitivamente a ambiência do lugar. Extensa faixa foi desapropriada para dar lugar à construção circular projetada por Sergio Bernardes. Reduziram-se os coqueiros e as gameleiras.

Figura: 14 e 15 - Detalhes da construção. Operários dão início às obras do Hotel Tambaú.



Fonte: Acervo do Hotel Tambaú

Projetado horizontalmente de forma circular, o hotel possui 18.576 m², com jardins na área externa, centro de convenções, espaços coletivos, áreas servidas e de serviços. Quando foi inaugurado o Hotel Tambaú (ver figura 16), havia poucas edificações ao seu redor e a paisagem da praia encontrava-se pouco modificada. Com o passar das décadas o processo de urbanização foi gradativamente aumentando e, em consequência disso, descaracterizando a paisagem da praia, agora ocupada por edificações, transformando o cenário local. Segundo Santos (2002, p.103), “a paisagem é o conjunto e formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas reações localizadas entre homem e natureza”. Assim, com essa ocupação urbanística, surgiram novos hábitos, novas culturas, impactos ambientais, conflito culturais. À vista disso, Martins (2006, p.49), afirma,

Dessa forma, cada lugar é definido por sua própria história, ou seja, pela soma das influências acumuladas, proveniente do passado, e dos resultados daqueles que conservam maior relação com as forças do presente e dão suporte ao desenvolvimento do grupo.

Figura 16 - Vista área do Hotel Tambaú recém-inaugurado.



Fonte: Acervo do Hotel Tambaú (1971).

Figura 17- Vista aérea da orla de Tambaú após a implantação do Hotel Tambaú já ocupada por apartamentos (edifícios), casas e pontos comerciais.



Fonte: Acervo do Hotel Tambaú (2002).

Através dos registros fotográficos, por meio das imagens contidas nas fotografias, é possível compor fatos importantes da 'memória urbana', em vista das transformações ocorridas ao longo do tempo na capital paraibana, em especial no bairro de Tambaú. Podemos identificar pontos positivos de toda essa modernidade, como saneamento básico, vias de acesso, eletrificação, maior circulação de transportes, dentre outros.

Contudo, os negativos são evidentes, como a descaracterização da praia 'virgem', juntamente e a poluição sonora (sirenes de carros, trânsito exagerado de veículos ocasionando congestionamentos, propagandas comerciais), visual (excesso de cartazes, anúncios, propagandas, *banners*, totens, placas, escondendo principalmente, a paisagem natural) e ambiental (esgotos jogados no mar, retirada da vegetação local, alteração da biótica marinha, aceleração dos processos erosivos, aumento de lixo, alteração da paisagem natural), além dos impactos socioculturais (choque cultural, insegurança da população local e aumento da criminalidade, aumento do contingente populacional, conflitos sociais, aumento demanda imobiliária).

Apesar dos fatores negativos do processo de urbanização das cidades demonstrados, principalmente hoje, não se pode negar o fato de que elas compõem a história de um povo. As modificações ocorridas no espaço, sobretudo evidenciadas, através das imagens fotográficas, ajudam a resgatar a memória da cidade. Por um lado, muitas memórias vêm sendo perdidas e os espaços destinados para sua guarda nem sempre comportam de maneira adequada e correta. Os profissionais da informação podem contribuir nesse trabalho de preservar e manter esses objetos que alicerçam a composição desta 'memória coletiva', muito embora, negligenciadas pelas instituições de memória (arquivos).

4 ARQUIVO, INFORMAÇÃO E DOCUMENTO

Os arquivos são um recanto de memória, ou seja, eles adquirem um *status* social e cultural. Desta forma, esses ambientes traduzem uma trajetória dos acontecimentos do passado, vivência do presente e guardam informações para o futuro. Lodolini *apud* Jardim (1995) aponta a analogia entre arquivo e memória, quando assegura que a memória registrada e preservada compõe a base das atividades humanas e que sua vivência só é aceitável devido ao

registro da memória, ou seja, a vivência dos arquivos. O aparecimento dos arquivos se deu após o surgimento da escrita, evolução que permitiu o registro das informações que não podiam mais depender da memória para se perpetuar no tempo. Assim, Bellotto (2006, p. 38) definiu arquivo:

É órgão receptor (recolhe naturalmente o que produz a administração pública ou privada à qual serve) e em seu acervo os conjuntos documentais estão reunidos segundo sua origem e função, isto é, suas divisões correspondem ao organograma da respectiva administração; que os objetivos primários do arquivo são jurídicos, funcionais e administrativos e que os fins secundários serão culturais e de pesquisa histórica, quando estiver ultrapassado o prazo de validade jurídica dos documentos (em outras palavras, quando cessarem as razões por que foram criados); e que a fonte geradora é única, ou seja, é administração ou a pessoa à qual o arquivo é ligado.

Assim, desde a Antiguidade, com o surgimento da escrita, as civilizações antigas sentiram a necessidade de registrar e guardar, de maneira que, com o passar do tempo servissem para posterior consulta das informações contidas no documento. A escrita possibilitou o crescimento da administração e a manutenção da autoridade, envio de ordens e troca de informações. Conforme, afirma Silva (1999, p.45).

A escrita surgiu precisamente pela necessidade de o homem registrar e comunicar seus atos, conhecimentos ou sentimentos. Durante milênios – e até a descoberta dos meios audiovisuais – os registros escritos irão dominar a materialização da memória individual e colectiva. A importância da escrita para a atividade humana levou, automaticamente, à consciência de que era preciso conservar tais registros, tendo em vista uma posterior utilização.

A escrita facultou ao homem preservar informações que só na memória não seria suficiente armazenar. Os primeiros testemunhos a que recorreremos serão sempre o nosso. Porém, se nossa impressão se basear também na de outros, assim a exatidão de nossa recordação será maior (HALBWACHS,1990). Perceber a necessidade de guardar os atos escritos, definindo-se espaços reservados para textos e registros das mais diversas áreas.

A escrita proporcionou ao homem uma maneira de registrar, guardar e acumular fatos e acontecimentos, de forma que, futuramente, fosse capaz de verificar aqueles dados. Por essa razão, surge, automaticamente, o

documento⁴ que será o meio pelo qual ele terá acesso às informações que ele desejar aferir. Assim, desde a Antiguidade, os arquivos serviram e servem como repositório de informações.

O conceito de informação é discutido por vários autores, adotamos *a priori* o conceito de Le Coadic (2004, p.4), no qual, diz que a informação é o “conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”. Para o Dicionário de Terminologia Arquivística (2004, p.97), define como “elemento referencial, noção, ideia ou mensagem contida num documento”. Bukland (1991, p. 351-360), por sua vez, identifica três usos principais da palavra informação: informação como processo, informação como conhecimento; informação como coisa.

Como **processo**, a informação muda o conhecimento de alguém e é situacional. A ação de relatar ou o fato de começar a relatar sobre algo caracteriza informação como processo, é o ato de informar um objeto, um documento, um dado, um fato, um evento. O **conhecimento** comunicado refere-se a algum fato, assunto ou evento dado como notícia, informado, dito, que reflete no conhecimento, sendo, entretanto, intangível, não podendo ser tocado ou medido. A informação como **coisa** se refere aos objetos que são considerados como sendo informativos em suas características físicas, tais como o dado e os documentos expressos, descritos ou representados por alguma forma física como o sinal, o texto ou a comunicação desses. (grifos nosso)

Das três formas de uso da informação podemos destacar a informação como coisa que é a informação registrada, palpável, em seu suporte físico. Para Machado e Camargo (2000, p.13), o documento de arquivo é, portanto, “unidade de registro de informação, qualquer que seja o suporte utilizado”. Já o Dicionário de Terminologia Arquivística (2004, p.65), define documento como “uma unidade constituída pela informação e seu suporte”. Percebemos nesse segundo conceito que a palavra informação é utilizada para definir documento. No entanto, para Gómez e Domingués (2007, p.63) o documento de arquivo nasce como:

⁴ Registro de uma informação independentemente da natureza do suporte que a contém. (PAES, 2006, p.26)

Uma ferramenta da administração, antes a necessidade de manter a continuidade da gestão, frente às mudanças de sucessivos titulares (valor administrativo), para conservar as justificações das contas e documentos financeiros (valor contábil), para assinalar como obtiveram, assinaram, gastaram e justificaram os tributos (valor fiscal), para ter referências sobre as pessoas, lugares e assuntos (valor informativo), para salvaguardar direitos e obrigações de patrimônios e rendas (valor jurídico), cumprir as exigências da lei (valor legal), e reconstruir e revisar o passado (valor cultural).

Os documentos exercem um papel determinante na propagação e relato da história e da vida das instituições e pessoas. Para Indolfo *et al* (1995) o documento é toda “informação registrada em um suporte material, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo, prova e pesquisa, pois comprovam fatos, fenômenos, formas de vida e pensamentos do homem numa determinada época e lugar”. Já Silva (2009, p.5), afirma que o documento arquivístico é aquele “gerado de forma natural para concretização de uma atividade e para a comprovação de que esta atividade foi efetuada por pessoa pública ou privada”.

Muitos autores acreditam que o documento só pode ser considerado como um documento de arquivo, quando ele atende aos processos da administração pública ou privada, que foi produzido naturalmente no âmbito das instituições e que tem a finalidade de cumprir de acordo com o curso das ações administrativas. E são esses documentos que deverão receber o tratamento arquivístico para serem recolhidos ou/e eliminados futuramente.

Toda essa discussão conceitual com relação ao documento de arquivo teve o intuito de entendermos como os autores analisam esse conceito. Uma vez que, os autores não são unânimes ao considerarem os documentos fotográficos como documento de arquivo. Além disso, essa discussão contribuirá para assimilarmos como a fotografia é tratada no âmbito dos arquivos e também constatarmos como instituições públicas e privadas pouco têm feito para sua preservação e conservação, dessa forma Pavão (2004, p.7), afirma que:

Preservar uma coleção de pequena e média dimensão está ao alcance de uma pequena instituição, como um arquivo, um museu ou um município. É necessário um orientador com experiência, e uma pequena equipe de trabalho. O equipamento essencial é uma sala de arquivo e aparelhagem de climatização.

As fotografias vêm sendo drasticamente perdidas, quanto conhecimento histórico e documental tem sido negligenciado, por falta de tratamento específico, por falta de políticas de preservação e conservação e também descomprometimento dos órgãos responsáveis pelo patrimônio cultural e social. Por fim, é importante que haja uma preocupação maior das organizações em relação a esse tipo de documento, sobretudo, como documento histórico e factual.

4.1 AS FOTOGRAFIAS EM AMBIENTE DE ARQUIVOS

A fotografia surgiu no período da Revolução Industrial e com o advento da Internet e da difusão dos meios de comunicação mundiais, essa se propagou de maneira muito rápida. A fotografia consiste numa duplicação de um referente, isto é, de uma coisa ou indivíduo refletido como imagem (RODRIGOS, 2007). Nos arquivos, são classificadas como documentos especiais (fotografias, discos, fitas, clichês, microformas, dentre outros) como o próprio nome diz, merecem acondicionamento, controle, conservação especiais (PAES, 2006).

Apesar de existir a um bom tempo, os documentos fotográficos demoraram a serem introduzidos nos arquivos administrativos, Lopez (2009, p.2), salienta que, “a inclusão de documentos fotográficos nos arquivos ocorreu em um momento posterior à ampla difusão desta técnica na sociedade”. Segundo Paes (2006, p.148), “as atividades de um arquivo fotográfico devem ser procedidas basicamente em cinco etapas: recepção e identificação, preparo, registro, arquivamento e pesquisa”. As formas de tratamento e acondicionamento dos registros imagéticos devem ser diferenciados dos demais documentos, visto que, dependendo do seu suporte, o ambiente da sua guarda devem estar em temperatura, iluminação e estado de preservação adequados e, em casos de deterioração, carecem um cuidado especial (restauração) para que essas informações não se percam. Dessa forma, Lacerda (2012, p.284), afirma que,

As imagens, como formas de registro de ação e de informação, são portadoras de materialidade e de recursos de expressão distintos daqueles que caracterizaram os diferentes registros presentes na massa documental acumulada ao longo dos séculos – calcados na forma verbal. Essa é uma das principais diferenças responsáveis pela dificuldade de aplicar a esses novos registros a metodologia arquivística gerada em função da realidade encontrada historicamente nos arquivos.

Os arquivos iconográficos possuem uma finalidade específica. As práticas de organização realizadas nos arquivos destinados a esse tipo de documentação têm que ser percebidas no seu contexto geral. Marcondes (2002, p.121) afirma que “a importância da fotografia como instrumento de memória e conservação de dados e fatos históricos”; entende que ela traz informações do passado que de outra forma poderia não ser documentada. Adverte-se, portanto, que o tratamento e a organização das fotografias passam a ser a outra forma de preservar esses fragmentos do passado:

A crescente utilização de documentos fotográficos como objeto e fonte de estudo em diversas áreas do conhecimento demonstra a necessidade do estabelecimento de instrumentos de pesquisa que permitam a localização dos acervos fotográficos existentes, bem como possibilitem a recuperação do seu conteúdo informativo. O usuário voltado para a pesquisa de imagem sofre, ainda hoje, com a falta desses instrumentos (INSTITUTO BRASILEIRO DE ARTE E CULTURA, 1992).

LOPEZ (2009) traz uma discussão pertinente com relação à inserção dos documentos fotográficos no âmbito dos arquivos. A incorporação das fotografias nos arquivos deve levar em consideração o contexto de sua produção e para chegar a esse ponto é necessário saber “quem”, “quando”, “como” e o mais importante o “porquê” da sua criação. Manini (2002, p.4), também sugere perguntas ao se analisar as fotografias,

(...) **Quem** ou o que aparece na imagem (descrição ou nome das pessoas e/ou lugares); **Que** lugar aparece na imagem (localização espacial e geográfica); **Quando** foi realizada a tomada (indicação de data, tempo cronológico ou ocasião); **Como** são ou estão os principais elementos da imagem (complementação da descrição inicial feita do motivo principal da imagem); O que indica esta imagem (de que ela é o traço, a marca, o sinal). As respostas a estas perguntas devem ser dadas com base em informações concretas provenientes da imagem ou de seu referente. (grifos nossos)

Por fim, Costa (2005, p.85 *apud* RODRIGOS 2007, p.73) discorre sobre a análise da imagem:

[...] nós, observadores, somos dotados da competência para a leitura de imagens e que é essa competência que faz das imagens unidades coerentes e com sentido. Utilizamos nesse processo não só nosso olhar, mas nossa capacidade de comparação, de fazer analogias e de desenvolver memória visual. Esse processo complexo resulta em inúmeras informações que podem ser organizadas em diferentes níveis: **1. Informações técnicas:** são as informações que nos permitem distinguir uma foto colorida de outra em branco e preto. Quanto mais conhecemos a respeito do processo fotográfico, mais dados técnicos somos capazes de perceber ou obter; **2. Informações visuais:** são aquelas que dizem respeito à configuração da imagem, ou seja, como ela foi concebida e os critérios estéticos utilizados. Nesse conjunto de dados está a identificação do fotógrafo e da maneira como ele organizou os elementos plásticos da imagem: qual o recorte que ele deu à cena, o que colocou ao centro, como utilizou a iluminação. **3. Informações textuais:** são aquelas que obtemos do assunto tratado e da forma como é tratado. **4. Informações contextuais:** são as informações que dizem respeito a tudo aquilo que se sabe sobre as razões e intenções do fotógrafo ao criar a fotografia. (grifos do autor)

Apreciando os três conceitos de como realizar a análise das fotografias e da preocupação de esclarecer as dificuldades do tratamento em arquivos criou-se uma reflexão descrita na tabela 1, a partir das perguntas formuladas por Lopez com objetivo demonstrar o real sentido dos documentos fotográficos na sua contextualidade. Segundo Lopez (2009, 62), “a contextualidade é a única pista para estabelecimento do verdadeiro papel do documento, e que permite estabelecer os vínculos com o produtor arquivístico”. No exemplo (ver foto 18) abaixo, podemos observar melhor essa ideia de Lopez ao analisar, a partir da tabela desenvolvida o contexto da fotografia. A tabela também nos mostra uma proposta de ficha de descrição para o acervo fotográfico do Hotel Tambaú, em razão de, não possuir nenhum tipo de classificação ou ficha de descrição.

Figura 18 - Festa de inauguração do Hotel Tambaú.



Fonte: Acervo do Hotel Tambaú (1971)

Tabela 1: Proposta de análise contextual.

Perguntas	Respostas	Peculiaridades Arquivísticas
Quem Quem detém a foto?	Acervo Fotográfico do Hotel Tambaú.	Origem (Proveniência)
Quando Quando foi tirada a foto?	11/09/1971.	Data
Onde Em que lugar foi produzido o documento?	Hotel Tambaú. Área externa, próximo a piscina.	Local
Como Que motivo levou a sua criação?	Registrar a festa de inauguração do hotel.	Função
Porquê Para que servirá sua guarda?	Para memória da instituição e da sociedade.	Preservação

Fonte: elaborado conforme ideia de Lopez.

A proposta de análise contextual (tabela 1) pode nos auxiliar a apresentarmos informações precisas e rápidas sobre a fotografia, uma vez que, a partir das seguintes perguntas: origem do documento? quando foi produzida?

em que lugar foi produzido? o que motivou a sua criação? e para quem guardá-la? Assim podemos entender o porquê de seu arquivamento. Mas, para descrevermos a fotografia no seu contexto, antes de tudo, se faz necessário saber a origem do registro fotográfico, por causa das possíveis interpretações que as imagens podem proporcionar ao realizar esse trabalho. Isso é causado pela polissemia (ter vários sentidos) da imagem (LOPEZ, 2009). A fotografia (ver figura 18) poderia ser uma festa em qualquer lugar, porém, como sabíamos sua origem, essa facilitou a compreensão do seu contexto geral, dessa forma, foi possível realizar a técnica de descrição segundo as perguntas de Lopez. Manini (2002, p.13), por sua vez ressalta que:

É bom lembrar a importância fundamental da contextualização da imagem, seja qual for o tipo de acervo de que ela faça parte. Certamente, um documento fotográfico de arquivo não deve estar solto dentro do acervo, desligado do seu conjunto de documentos (especialmente os textuais).

Nesse sentido, nesse sempre conseguiremos identificar a gênese do documento fotográfico, por exemplo, de imagens advindas da internet e de outras fontes que são reproduzidas em grande escala e sem controle. Lopez (2009, p. 63), alerta sobre as fotos advindas de repositórios eletrônicos:

A identificação do contexto de produção do documento é mais delicada quando envolve sinais de validação e procedimentos incorporados somente como informação anexa, como ocorre, por exemplo, com as imagens e/ou documentos eletrônicos. A perda desta ligação pode ter consequências desastrosas. A identificação da gênese documental é o único recurso capaz de evitar as armadilhas postas pelo caráter polissêmico da imagem.

A proposta de descrever as fotografias do acervo fotográfico do Hotel Tambaú, surgiu pelo fato de serem armazenadas sem nenhum tipo de organização física e não possuírem nenhuma ficha de descrição arquivística. A descrição desses documentos imagéticos facilitaria na busca de informações e na exatidão das mesmas. As instituições públicas e privadas devem, sobretudo, salvaguardar essas informações importantes que relatam a história da cidade, por meio do hotel a memória de um povo. Por fim, é fundamental a criação de outros instrumentos que possam auxiliar na contextualização arquivística e facilitar ao usuário que busca por determinadas informações. Os

procedimentos arquivísticos são imprescindíveis para cumprirem a principal função dos arquivos: ser prova das ações.

5 FOTOGRAFIA: A imagem como um lugar memorialístico

O manuseio de imagens que idealizam um lugar, relacionando com a memória é uma atividade de interpretação e contextualização. A polissemia dos registros fotográficos é outro fator complexo ligado a eles, devido à dificuldade de se analisar os reais atributos configurados nas imagens. Dessa forma, Priore (2008, p.91), ressalta sobre a diversidade de abordagem da imagem, afirmando que “a fotografia é plural e suas abordagens são igualmente múltiplas. Do simples inventário cronológico de fotográficos ou de estilos de fotografar pode se passar a digressões muito complexas, de inspiração teórica.”.

Para construção de um lugar, interpretado através das imagens faz com que a memória seja continua correlacionada a dados que evocam um passado que possui como referência o reconhecimento dos patrimônios culturais, em uma tentativa de recuperação, nos quais nos deparamos com suas múltiplas facetas. Martins (2006, p.39) afirma que, “o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto de significados, os símbolos que a cultura local imprimiu nele, e é isso que leva o outro a sentir, partindo de seus valores, o lugar o qual se visita”.

Segundo Jardim (2008, p.152), a palavra memória provém do grego que diz, “mais imediatamente, ação de lembrar, o lembrar ele mesmo, aquilo que permanece no espírito [...] pode-se entender memória como instância de inventar, meditar, refletir, e velar, no sentido de cuidar, a unidade”. Conseqüentemente, as experiências estão implantadas nas recordações que surgidas quando exaltadas por intermédio das imagens, possibilitando uma representação provável do passado. Como afirma Volpe (2005, p. 43), “o passado torna-se morada intermitente que a memória converte em arquivo a ser agora resgatado”.

Por sua vez, Le Goff (2003, p.419) compreende que a memória pode ser “como a propriedade de conservar certas informações remetendo a um conjunto de funções psíquicas, em que o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Esse

entendimento da memória possibilita a eternização das lembranças através das imagens que, por estarem historiadas, podem ser lembradas e chamadas para a atualidade promovendo uma articulação entre o passado e o presente em relação com as experiências dos participantes.

Deste modo, as imagens tornam-se como lugares de memória por trazer na sua composição a solidificação da memória de determinados espaços passados. A expressão “lugares de memória” exprime a pretensão de se retornar a singularidade que definem os grupos. O passar do tempo faz com que certos ambientes deixem de existir para dar lugar a outros. Dessa maneira, Abreu (1994, p.206),

No mundo moderno, a memória teria deixado de estar incorporada à vivência cotidiana da tradição e do costume, sendo substituída por "lugares de memória". Ou seja, a memória teria deixado de ser uma função ativa do conjunto da sociedade para se tornar atributo de alguns. Ao invés de ser encontrada no próprio tecido social - no costume, na tradição -, a memória tomaria forma em determinados lugares passando a depender de agentes especialmente dedicados à sua produção.

Pretendemos focar neste trabalho a preocupação de debater a memória como um item efetivo da identidade de um lugar. E não debate a memória individual aquela biológica/psicológica que tem a finalidade de guardar ou manter conhecimento e sim a memória do lugar, da cidade ou de um bairro, configurando, a memória coletiva (ABREU,1998). Dessa forma, segundo Martins (2003, p. 42), em linhas gerais, a identidade é “esse sentido de pertencer que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que são. Esse ser de algum lugar pertence a algum grupo, sente afinidade com algo que lhe resgata algo seu; isto tudo é chamado de identidade”. Pires (2002, p. 102) por sua vez, define identidade como sendo “o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de um corpo de conhecimentos, seus elementos individualizadores e identificadores; enfim, o conjunto dos traços psicológicos de um grupo, que se reflete nas ações e na cultura material”. Neste contexto, conservar e proteger a identidade de um lugar remete à formação de um patrimônio comum de uma comunidade, devendo permanecer uma constante nas perspectivas de desenvolvimento do lugar. A identidade está relacionada com a memória

coletiva e é por meio de sua memória que o indivíduo identifica referências para construir sua história. A esse respeito, para Pollak (1992, p.204):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Assim a memória coletiva é para Abreu (1998, p.84) “um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo”. Halbwachs (1990, p.82), acrescenta que “a memória coletiva é também uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um grupo”. De tal modo, o contemporâneo contrasta o passado, embora o que aconteceu no passado não possa ser resguardado por completo. Desse modo, não se pode plenamente aprofundar no ocorrido, pois a memória disseminada vai além do presente. Dessa forma, a memória coletiva só se compõe inteiramente quando consegue fundamentar, respectivamente, no espaço e no tempo. Semelhante acontece ora memória de um lugar, ora na memória da cidade.

Diante disso, surgem vários termos como ‘memória urbana’ e ‘memória cidade’, porém, ambas são equivocadas, pois, conforme Abreu (1998, p.89), “[...] a cidade não pode lembrar de nada. Quem lembra são as pessoas que vivem ou viveram.” Hoje, existem ferramentas que podem resgatar a memória de um lugar que seriam as fotografias. Elas proporcionam momentos de lembranças, pois cristalizam uma paisagem de forma a eternizar. Esses registros fazem parte das recordações de reassimilação dos indivíduos. Segundo afirma Tedesco (2004, p.38), “[...] o ato objetivo de recordar os processos vividos que cada um de nós organiza e reinvoca no passado, do ponto de observação do presente, possui a capacidade de estruturar a experiência num patrimônio utilizável para si e comunicável aos outros”.

Por meio do tempo o método de recordar pode ser adquirido. Conforme TEDESCO (2004) estabelecem uma condição de patrimônio aproveitado particularmente, porém, repassado para seus descendentes por intermédio das lembranças. A fotografia assume um caráter de memória social, passível de gravar ocasiões, indivíduos, ambientes que jamais mais voltarão.

Neste sentido, a fotografia vem sendo utilizada como forma de reconstrução de uma memória, as imagens funcionam como instrumentos de lembranças, pois a partir delas, conseguimos recuperar e montar um conjunto de significados da memória coletiva, ou seja, da memória de grupos sociais.

É essencial frisar que ao realizar estudos sobre os registros fotográficos possa-se trabalhar com recursos que guardem, conservem, respeitem a autenticidade, a cultura e a população local, com sua identidade e costumes. Preservar, antes de tudo, a alma do lugar. Neste sentido, reforça Martins (2006) “cada lugar é definido por sua própria história, ou seja, pela soma das influências acumuladas, proveniente do passado, e dos resultados daquelas que conservam maior relação com as forças do presente e dão suporte ao desenvolvimento do grupo”.

As casas de veraneio (ver figura 19) mostram a importância de guardar os registros fotográficos da época para rever as modificações causadas pelo tempo e pelas ações humanas que modificaram o ambiente, além das questões identitárias, dessa maneira, registros fotográficos configuram como memória social. Dessa forma, Rodrigues (2013, p.5) diz que a memória pode ser apreendida “como processos sociais e históricos, de expressões de narrativas de acontecimentos marcantes, de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo”. Se imaginássemos adolescentes que se deparam com as fotografias abaixo (ver foto 19) e que hoje participam desse espaço, eles constroem lembranças, recordações e, a partir, das narrações orais ou escritas e pode até ajudar a corrigir fatos e/ou ideias em configurado fato do passado. Nesse pensamento, Halbwachs (1990, p.71) discorre:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparado por outras reconstruções feitas da época anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que através da memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas impressões, a lembrança se distinguiria, por definição, dessas ideias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relato, os depoimentos e as confidências dos outros permitem-nos fazer uma ideia do que foi o nosso passado.

Porém, deixemos claro que a memória social “é dinâmica, mutável e seletiva; seletiva porque nem tudo o que é importante para o grupo fica

gravado na memória, fica gravado para as gerações futuras” (Rodrigues, 2013 p.5). Dessa forma, os documentos fotográficos servem como registro da memória social, pois perpetuam, através do tempo, para as gerações futuras, as informações contidas nas imagens, apesar de cristalizadas permitem a criação de lembranças e recordações, mantendo sempre uma memória viva. Conforme afirma Kossoy (2001, p. 101), “fotografia é memória e com ela se confunde fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social.” Nesse mesmo sentido, Oliveira e Farias (2009, p.8), afirmam que a fotografia “é como um monumento que desempenha a função de arquivar. Quer dizer, a fotografia é importante para manter acesa a chama em torno de um determinado acontecimento.”

Figura 19 - Casas de veraneio na orla de Tambaú.



Fonte: IBGE (1957).

O arquivista, como profissional desse conteúdo informacional imagético deve assegurar, conservar, preservar e descrever com intuito primordial e estabelecer essa ponte de acesso à informação do arquivo a memória do indivíduo. As fotografias fazem parte desses lugares de memória materializados nos arquivos.

Por fim, concluímos que as fotografias contribuem para composição da memória individual ou coletiva, ou seja, cada indivíduo analisa as imagens como melhor os convém, as suas interpretações são particulares e as recordações e lembranças processadas totalmente diferentes. Como foi dito anteriormente, a memória é seletiva, lembramos o que seja mais marcante. “A memória coletiva está a base da construção da identidade. Esta reforça o sentimento de pertença identitária e, de certa forma, garante unidade coesão e continuidade histórica do grupo” (Rodrigues, 2013 p.5). As imagens ajudam a manutenção e compreensão da memória e da identidade de um determinado grupo ou lugar, pois seus atributos, unida como seu valor documental colaboram para esse processo. Elas são provas vivas que através de imagens fixas, podemos reviver os momentos do passado, pois possibilitam na composição das lembranças na posterioridade e na reprodução e preservação da memória social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta pesquisa sobre a fotografia dentro dos espaços de memória (os arquivos) podemos constatar tendo em vista que os documentos fotográficos têm um valor mnemônico e documental e assim entendermos a importância da sua guarda, preservação e conservação nos arquivos. As instituições públicas e privadas detentoras desses acervos fotográficos, pouco se preocupam no seu acondicionamento e organização e não sabem da sua importância para história da cidade de João Pessoa.

Em suma, propomos que os documentos fotográficos recebam o mesmo tratamento recebido por documentos textuais, visto que são documentos imagéticos e precisam receber um tratamento especial, devido às suas especificidades. Além disso, é indispensável a descrição desses acervos para facilitar a busca e a disponibilidade para seus usuários. A organização física, juntamente com a descrição das fotografias, ajuda a manter preservado e conservado esses registros, dessa maneira, auxiliam também a manter acesa a memória coletiva. Apesar dos esforços de algumas instituições, a memória se fragmenta, porém, ela vive, se refaz e em contrapartida, se perde. Os profissionais da informação (os arquivistas) podem intervir nesse processo e encontrar meios e instrumentos, para que esses registros não se percam no vazio das lembranças.

A memória e a identidade são recursos importantíssimos para se manter vivas as acontecimentos de uma sociedade ou do lugar. Compreender a relevância da fotografia no papel de continuar perpetuando essas informações e não deixar que as recordações e momentos do passado deixem de existir possibilita manter sempre revigorante as lembranças da coletividade. Estudar as transformações dos lugares, a partir dos registros fotográficos permitiu entender como ocorreu o avanço da paisagem urbanística na cidade de João Pessoa.

Por fim, vale ressaltar a importância dos arquivos para memória social, em especial, os arquivos fotográficos. Lugares esses mesclados de memória coletiva e ações identitárias, pois quanto mais for holístico o reconhecimento dessa memória e desses sentidos por parte da população, mais legítimas serão as ações impetradas sobre ele. Assim, os arquivos desempenham um papel primordial para sociedade como um meio de servirem informações autênticas, sobretudo, para construção da memória social.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. de A. Sobre a Memória das Cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I**, Porto, v.XIV, p. 77-97, 1998.

ABREU, R. **Quando os mortos são comemorados**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.7, n.14, p. 206-227, 1994.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1972.

BONAT, Débora. **Metodologia da Pesquisa**. 3º Ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

BRUAN, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 1980.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, June 1991.

BUITONI, Dulcília H. Schoeder. O Registro Imagético do Mundo. Jornalismo, embrião narrativo e imagem complexa. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estéticas da Comunicação”, do **XIX Encontro da Compós**, na PUC - Rio, Rio de Janeiro, junho de 2010. Disponível em < http://compos.com.puc-rio.br/media/gt8_dulcilia_buitoni.pdf> Acessado em 10 Out 2012. 2010.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996.

CARLOS, A. F. A. **O turismo e a produção do não-lugar**. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. (Org.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

COUTINHO, Marco Antônio Farias; VIDAL, Wynna Carlos Lima. 115/128-**Feirinha De Tambaú: Requalificação Urbana E Gestão Compartilhada na Capital Da Paraíba**. Disponível em <<http://www.usp.br/nutau/CD/115%20128.pdf>> Acessado em Agosto de 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet Lemos, 2008.

DANTON, G. **Manual de redação científica**. Virtual Books. 2002.

FORMIGA, Danielle de Araújo. **Do sempre eu: Gilberto Freyre – Dimensões Memorialista das cartas trocadas de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo**. 2011. 55f. (Monografia) – Curso de Arquivologia, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa.

GAMBARRA, Thaíse; TINEM, Nelci. Hotel Tambaú - os jornais como instrumento de construção da história da arquitetura. In: **1º Seminário Latino-Americano Arquitetura & Documentação**. Belo Horizonte, 2008.

GOMÉZ, Pedro Lopez; DOMINGUÉS, Olga Gallego. **El documento de Archivo um estudio**. A Coruña: Universidad da Coruña, 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós- Modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

JARDIM, José Maria. **A invenção da memória nos arquivos públicos**. Ciência da Informação. V25, n 2, 1995.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. Os lugares da memória. In: SILVA, René Marc da Costa (org.). **Cultura popular e educação**. Brasília, DF: Salto para o futuro, TV Escola, SEED, MEC, 2008. p. 111-118.

INDOLFO, A.C; CAMPOS, A.M.V.C.; OLIVEIRA, M.I. de; COSTA, M. M. ;CAUVILLE, V. G. **Gestão de Documentos: conceitos e procedimentos básicos**. Rio de Janeiro: Série Publicações Técnicas / Arquivo Nacional; n.47, 1995.

INTITUTO BRASILEIRO DE ARTE E CULTURA. **Manual para catalogação de documentos fotográficos**. Rio de Janeiro: fundação Biblioteca Nacional / FUNARTE-IBAC, 1992.

JARDIM, Antônio. Música, vigência do pensar poético. In: SILVA, Alessandra Garrido Sotero da. **Os caminhos da memória e o inconsciente**. Disponível

em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa11/v1/alessandragarrido.html>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ed. Ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3º Ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LAVIERI, J. R.; LAVIERI, M. B.F. Evolução Urbana de João Pessoa Pós-60. In GONÇALVES, R.C.; M.B.F.; LAVIERI, J.R.; J.R.; RABAY, G. **A Questão Urbana na Paraíba**. Coleção História Temática da Paraíba; vol.3. Ed. Universitária/ UFPB, 1999.

LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos arquivos**: produção e sentido de documentos visuais. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012 p.283-302.

LODOLINI, Elio. **Archivistica**:principi e problemi. Milano: Franco AngeliLibri, 1990.

LOPEZ, André Porto Ancona. **Imagens e Documentos Fotográficos em Arquivos**. Arq & Adm. Rio de Janeiro, v.8, n. 1 jan/jul 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MACHADO, Helena Corrêa; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Como implantar arquivos públicos municipais**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000.

MANINI, Miriam P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. São Paulo, 2002. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP.

MARCONDES, Marli. **A importância da conservação fotográfica na reconstrução da memória**. Revista de Educação do Cogeime. Ano 11 - nº. 20 - junho/ 2002.

MARQUES, Heitor Romero; MANFROI, José; CASTILHO, Maria Augusta de; NOAL, Mirian Lange. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. 2º Ed. Campo Grande: UCDB, 2006.

MARTINS, Clerton (org.). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

_____. **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.

MARTINS, G. A. THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. Ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. Eternizando a imagem pioneira. In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs.). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEVES, José Luís. **Pesquisa Qualitativa**- características usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em Administração. São Paulo, v.1. Nº 3. 2º Sem/1996.. “Lugares de memória da medicina no Brasil”; In: NEVES, Margarida de Souza. Disponível em: < <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm> > Acessado em 08 de nov de 2012.

NEVES, Margarida de Souza. Lugares de Memória da Medicina no Brasil. Disponível em: < <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm> > Acessado 10 Ago 2014. 2008.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. São Paulo: Revista Projeto História, 1993.

NÓBREGA, Flávia Dantas da. **O processo de verticalização e a (re)produção da cidade: um estudo do bairro de Manaíra**, João Pessoa, Paraíba, 2011.

OLIVEIRA, R.L.S.; FARIAS, E. S. Fotografia: Imagens-Poesia como lugar de memória. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19386.pdf> > Acessado em 12 Out de 2014. 2009

PAES, Marilena Leite. Arquivos Especiais. In: _____. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

- PAVÃO, Luís. **Conservação de Fotografia – o essencial**. P. 7-12 In: Cadernos de conservação fotográfica 3. Rio de Janeiro, Funarte. 2004.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- PRIORE, Mary Del. **A Fotografia como objeto de memória**. In: Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro. Brasília. 2008. p. 91.
- PINHEIRO, Jane. "**Antropologia, arte, fotografia: diálogos interconexos**". In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro, UERJ, vol 10, n.1,2000.
- PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. Manole-Barueri, São Paulo, 2002.
- RECUERO, Carlos Leonardo. Fotografia: Contrapondo entre narração da realidade e sua compreensão. Disponível em: <http://web.upla.cl/revistafaro/03_estudios/03_recuero.htm> Acesso em: 10 set 2014.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODRIGUES, Donizete. Património Cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. Disponível em: < <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>> Acessado em 11 set 2014. 2013.
- RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa Acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.
- RODRIGOS, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000300008> Acesso em: 10 jul 2014.
- SALES, Lindemberg de Albuquerque. **O processo de verticalização e seus problemas no bairro de Manaíra, João Pessoa-PB**. 2014. 82f. Monografia – Curso em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SANTOS, M. A natureza do espaço: Técnicas e temo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVA, Armando Malheiros et.al. **Arquivística**: Teoria e Prática de uma Ciência da Informação. Edições Afrontamento: Porto. 1999.

SILVA, Denise Almeida. **Arquivo**: meio digital e os agentes públicos. 2009.145f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Tomaz; LOURO, Tadeu da. (Do livro: **A identidade cultural na pós modernidade**, Stuart Hall). DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em, 2006, 102 páginas, tradução: Silva e Louro)

SOUSA, Rafael Toscano. **A Evolução da Ocupação de Tambaú - Do início do Século XIX ao Século XXI**. Monografia. 35f. Curso de Geografia/UFPB, João Pessoa.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo fundo; UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEIXEIRA, Fúlvio. Paisagem do Hotel Tambaú. Recife, **I Docomomo N-NE**, 2006.

VASCONCELOS FILHO, J.M. **A Produção e Reprodução do Espaço Urbano no Litoral Norte de João Pessoa**: a atuação dos agentes imobiliários. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco (CFCH). Geografia, Recife/PE. 2003.

VOLPE, Miriam L. **O roteiro da memória nos grafos da borra do café**. In: Revista IPOTESI, vol.9, 2005. p.41-48.

ANEXOS

Anexo A: Carta de cessão de imagem do IBGE.



Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI
 Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais - GEBIS
 Setor de Referência
 Rua General Canabarro, 706 - Maracanã
 Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20271-201
 Tel.: (21) 2142-4720

TERMO DE COMPROMISSO DE USO

Este instrumento é um Termo de Compromisso de Uso entre Robson Jorge Lucena de Souza e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Em caso de discordância com as cláusulas deste termo, é favor devolvê-lo ao IBGE juntamente com os materiais que o acompanham.

Cláusula Primeira: do objeto

O presente Termo de Compromisso concede a Robson Jorge Lucena de Souza o uso, sem direito de exclusividade, de 13 (treze) imagens, a saber: registros 11041, 11042, 11043, 11071, 11072, 11074, 11079, 11080, 11081, 11083, 11084, 11085, 11087 **pertencentes ao acervo iconográfico do IBGE**, exclusivamente para uso em seu Trabalho de Conclusão de Curso de Arquivologia, intitulado "MEMÓRIA, IMAGEM E ARQUIVÍSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB: O bairro de Tambáú", sob orientação do professor Vancarder Brito Sousa, para a Universidade Estadual da Paraíba.

Cláusula Segunda: dos compromissos

Robson Jorge Lucena de Souza compromete-se a fazer uso 13 (treze) imagens, a saber: registros 11041, 11042, 11043, 11071, 11072, 11074, 11079, 11080, 11081, 11083, 11084, 11085, 11087 **pertencentes ao acervo iconográfico do IBGE**, somente para os fins explicitados conforme a **Cláusula Primeira** do presente Termo de Compromisso.

Parágrafo Único: É vedado o empréstimo, a locação, a cessão, a transferência temporária, cópia ou comercialização, parcial ou integral, de 13 (treze) imagens, a saber: registros 33469, 30239, 31490, 27959, 27960, 29541, 11803, 12339, 31695, 11219, **pertencentes ao acervo iconográfico do IBGE**, de que trata a **Cláusula Primeira** do presente Termo de Compromisso.

Cláusula Terceira: da propriedade

As 13 (treze) imagens, a saber: registros 11041, 11042, 11043, 11071, 11072, 11074, 11079, 11080, 11081, 11083, 11084, 11085, 11087 **pertencentes ao acervo iconográfico do IBGE**, de que trata a **Cláusula Primeira** do presente Termo de Compromisso, são de exclusiva propriedade do IBGE, sendo obras protegidas pelo direito autoral brasileiro, nos termos da Lei 9.610 de 19.02.1998, regulamentação dela decorrente e por tratados internacionais.

Cláusula Quarta: do direito de uso

Este documento é a prova que a Robson Jorge Lucena de Souza detém o consentimento para usar 13 (treze) imagens, a saber: registros 11041, 11042, 11043, 11071, 11072, 11074, 11079, 11080, 11081, 11083, 11084, 11085, 11087 **pertencentes ao acervo iconográfico do IBGE**, de que trata a **Cláusula Primeira** do presente Termo de Compromisso e conforme os fins nela especificado, sem ônus para o IBGE.

Rio de Janeiro, 13 de Novembro de 2014.

Robson Jorge Lucena de Souza

Nome

RG: 3172285 SSP/PB

E-mail: robsonjlucena@hotmail.com

Anexo B: Carta de cessão de imagem Hotel Tambaú.



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas – CCBSA
Campus V – João Pessoa
Curso Bacharelado em Arquivologia

CARTA DE CESSÃO DE IMAGEM

João Pessoa, 22 de setembro de 2014.

Eu, Rogério Feliciano de Sousa

declaro que concedo o registro e o uso das imagens realizadas no dia 22/09/14 em
cumprimento as atividades de pesquisa monográfica (TCC) no Arquivo da Entidade
UEPB / Tropic Hotel Tambaú para fins
de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Rogério F. Sousa

(Assinatura do responsável pelo Arquivo/Entidade).

Anexo C: Proposta de método de descrição para as fotografias.

Perguntas	Respostas	Peculiaridades Arquivísticas
Quem Quem detém a foto?		Origem (Proveniência)
Quando Quando foi retirada a foto?		Data
Onde Em que lugar foi produzido o documento?		Local
Como Que motivo levou a sua criação?		Função
Porquê Para que servirá sua guarda?		Preservação